

MULHER E DISCURSO: ENTRE A CRUZ E A ESPADA

JOÃO CARLOS CATTELAN (UNIOESTE)¹

RESUMO: Tendo como horizonte geral os conceitos de *pré-construído* e *discurso-transverso* de Pêcheux (1995) e de *anamnese e sistema de pressupostos imperativos* de Bourdieu (1999) e buscando alguns amparos em a **Sociologia da Família**, de Saraceno e Maldini (2003), tenho como objetivo analisar o funcionamento de 10 (dez) recortes discursivos unidos entre si por mostrarem que, às vezes, embora os homens busquem se envolver nas atividades domésticas, que é uma reivindicação das mulheres, eles são rechaçados, em geral, por serem considerados incapazes de fazerem o que se propõem. De modo geral, busco tematizar a incongruência entre a demanda feminina de partilha dos trabalhos de casa e a rejeição de que isso aconteça, quando a oportunidade de atendimento se apresenta.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso. Tarefas domésticas. Demanda de partilha. Incongruência.

ABSTRACT: Having as the overall horizon the concepts of *the pre-constructed* and *transverse discourse* by Pêcheux (1995), as well as *anamnesis and system of imperative presuppositions* by Bourdieu (1999), and finding some support in **Sociology of Family**, by Saraceno and Maldini (2003), I aim to analyze the functioning of 10 (ten) discursive clippings linked to each other by the fact that they show that, sometimes, although men seek to engage in housework, which is one of the women's claims, they are generally repelled because they are considered incapable of doing what they propose to do. In general terms, I seek to discuss the inconsistency between the women's request for housework share and the rejection of this division of tasks when the opportunity arises.

KEYWORDS: Discourse. Housework chores. Request for housework share. Incongruity.

INTRODUÇÃO

Começo este trabalho, reiterando que defendo qualquer iniciativa que busque minimizar os efeitos das discriminações de minorias ou daqueles que sofrem penalizações em virtude da diferença que os constitui. Como pretendo atentar para algumas problemáticas relativas à vida das mulheres, é em relação às suas iniciativas (mas não só delas) para amainar os efeitos de uma sociedade androcêntrica que me posiciono, até certo ponto incondicionalmente, de maneira favorável. Devo deixar este princípio explícito, para não ser lido às avessas sobre o que discuto neste estudo, à luz de dez recortes discursivos que utilizo como arquivo (corpus de dados).

Outro alerta que preciso fazer, logo de início, refere-se ao fato de que, quando falo de 'mulher', não a estou concebendo como um ser empírico em especial que, sendo eliminado, faria desaparecer a problemática que abordo. Trata-se antes de como a mulher, discursivamente, é atravessada por uma memória discursiva que, mesmo que ela não o sabia e, sobretudo, por não saber, coloca-a numa rede de filiação sobredeterminada por uma perspectiva patriarcal de constituição da sociedade. Para ser outra, ela teria que estar filiada a outro discurso.

Há farta produção sobre as discriminações que afetam as mulheres, quando comparadas aos homens, no caso de ocupar (quando ocupa) os mesmos espaços sociais que eles. Na vida doméstica, no mundo do trabalho ou na vida afetivo-sexual, a avaliação das atitudes de cada um não é a mesma e o que é incentivado aqui pode ser reprimido ali. Seja

¹ Professor Doutor do Curso de Letras (Graduação) da Unioeste (Marechal Cândido Rondon) e Pós-Graduação em Letras da Unioeste (Cascavel), e-mail: jcc.cattelan@gmail.com

porque, no lar, cada um parece ter uma área de ocupação específica, porque, no mundo do trabalho, não ocupam os mesmos espaços (ou, quando ocupam, não recebem os mesmos salários) ou porque, na vida afetivo-sexual, os imperativos inibitórios que as restringem são índices de masculinidade nos homens, eles são “privilegiados”. Há obras, documentários e programas televisivos sobre a problemática e busco contribuir, de algum modo, para diminuir as distâncias que dificultam uma aproximação (que seria oportuna) mais humana e cúmplice entre homens e mulheres.

Pretendo, com este artigo, relativizar discursos que produzem um efeito de sentido maniqueísta, quando se pautam nas mazelas das mulheres. Nos dados que analiso, o discurso de que ela deseja igualdade de tratamento (e não estou dizendo que não deseje) parece se contrapor aos seus discursos, quando o que reivindicam poderia ser atendido. Com as análises, acredito me tornar mais claro em relação ao objetivo.

Sobre os dados trabalhados, preciso deixar claro, logo de início, que há alguns anos me dedico ao tema da paternidade e tenho me deparado com inúmeras ocorrências que esburacam o imaginário relativo ao assunto. Dentre outros espaços de observação de como a função paterna é discursivizada, neste caso, os acontecimentos discursivos foram retirados de um conjunto de entrevistas realizadas com 5 (cinco) homens participantes de encontros de casais de uma igreja católica do município de Cascavel, Estado do Paraná. Inquiridos sobre a participação nas atividades domésticas, além de outras 32 (trinta e duas) sequências discursivas (doravante, SD), as 10 (dez) utilizadas mostram o entrelaçamento parafrástico que confirma o enovelamento pungente anunciado no título do artigo. Nem todas as SDs reiteram o campo do mesmo, mas, além das dez selecionadas, pelo menos, outras 20 (vinte) são construídas na mesma direção. Atento, portanto, para o fato de que o acesso aos dados aconteceu de forma indireta e que eu os obtive por meio do discurso relatado dos homens/pais participantes da pesquisa.

ALGUNS SUPORTES TEÓRICOS

Situo-me no horizonte da Análise de Discurso Francesa (doravante, ADF), sobretudo, de Michel Pêcheux. Porém, valho-me também de primados de outras áreas, como a Etnografia e a Sociologia. Enquanto a ADF fornece o suporte geral para o estudo, estas duas me auxiliam com ancoradouros pontuais para a análise do corpus. Entendo que isso não implica em alguma incongruência, dada a natureza interdisciplinar da ADF, desde as reformulações de Pêcheux em 1975, e que o apoio delas é sobredeterminado pelo horizonte teórico geral assumido.

O amparo extrínseco crucial a que recorro se encontra em **A Dominação Masculina**, de Pierre Bourdieu (1999), da qual importo dois conceitos para a análise do corpus: o de *anamnese* e o de *sistema de pressupostos imperativos*; eles permitem clarear o que a ADF conceitua como *discurso-transverso*, além do que auxiliam na determinação de preceitos imemoriais sobre “o” sentido de ser homem e mulher.

Por *anamnese*, Bourdieu (1999, p. 70) compreende a surpresa advinda do confronto com outra sociedade ou outro discurso, que pode, face ao desconcerto, conduzir à revelação ou à “redescoberta”, que não “traz a aquisição de um simples saber, mas a reapropriação de um conhecimento, ao mesmo tempo possuído e perdido desde sempre”. Este é o objetivo do analista que busca, para além do empirismo do texto, as molas que fixam o seu horizonte e o fazem ser tangido por um ditame ideológico. Quanto ao segundo conceito meta-forizado (importado de outro lugar), Bourdieu (1999, p. 70, grifos meus) o define como “um inconsciente ao mesmo tempo coletivo e individual, traço incorporado de uma história coletiva e de uma história individual que impõe a todos os agentes, homens ou mulheres, seu *sistema de pressupostos imperativos*”, do qual a anamnese pode construir “a axiomática, potencialmente

libertadora”.

Comento a aproximação entre estes conceitos e a sua relação com o *discurso-transverso*, trabalhado a seguir. Qualquer sociedade, sem que os integrantes percebam, está submetida a um sistema de regras, normas e valores que determinam como se devem ocupar os lugares sociais. O conjunto de constrições é desconhecido, porque é vivido sob o império do hábito, que não é adquirido apenas pelo exemplo, sendo o discurso uma via para a imposição e a *anamnese* pode contribuir para a “redescoberta” e a tomada de consciência. Em outros termos, a anamnese leva à descoberta dos ditames ideológicos e, pois, ao discurso-transverso, que, como elemento constituinte do interdiscurso, determina a forma de encadeamento dos pré-construídos, ou seja, a análise do encadeamento discursivo dos pré-construídos definido pelo discurso-transverso permite perceber as relações interdiscursivas do discurso com o que o antecede e determina que o sujeito diga o que diz e não outra coisa.

Pêcheux (1995, p. 162), ao definir o *interdiscurso* como “algo que fala antes, em outro lugar e independentemente” e assumindo que ele prepondera sobre o discurso, ou seja, que há um primado do interdiscurso sobre o discurso, postula que ele se manifesta no *intradiscurso* (o corpo verbal, o fio do discurso, a linearização) por duas discrepâncias: o *pré-construído* e a *articulação* (da qual o *discurso-transverso* é o princípio de funcionamento). Isto é: no discurso do sujeito, que é concebido pela ADF como interpelado pela ideologia, pré-construídos (o ‘sempre-já-ai’ da interpelação ideológica (p. 164)) são articulados (encadeados, linearizados, sintagmatizados), atendendo ao discurso-transverso (ou a um pressuposto imperativo) provido pelo interdiscurso e que a análise pode ajudar a elucidar. Um dado do corpus permitirá tornar menos abstrata esta sumarização. Seja o caso do recorte (doravante, R) 1:

R1) – Antônio: saia da cozinha e deixe que eu faço o almoço. Você não nasceu para isso.

Considero como princípio orientador para a definição dos pré-construídos e do discurso-transverso, o postulado de Pêcheux (1995, p. 167 - grifos do autor) que fornece a base para a análise: “o *interdiscurso enquanto discurso-transverso* atravessa e põe em conexão entre si os elementos discursivos constituídos pelo *interdiscurso enquanto discurso pré-construído*, que fornece, por assim dizer, a matéria prima na qual o sujeito se constitui como ‘sujeito falante’, com a formação discursiva que o assujeita”.

A SD que constitui R1 se articula sobre alguns pré-construídos: *sair da cozinha*, *fazer o almoço* e *nascer para uma atividade* e as marcas enunciativas, modalizações, determinações e negação que os encadeia. Dirigindo-se a Antônio (B), a locutora do recorte (A) ordena que ele *saia da cozinha e deixe que ela faça o almoço*. Estes pré-construídos são articulados por meio do operador *e*, que permite somar dois imperativos que B deve atender: ele ocupa um lugar inadequado por não ter a competência para realizar a tarefa prevista, que apenas A pode executar. Se paira dúvida sobre B adquirir o know-how para realizá-la no futuro, o último pré-construído anula a hipótese, dada a fatalidade de B *não ter nascido para isso*.

Se a articulação da SD fosse feita apenas entre os dois primeiros pré-construídos, seria possível discutir se B é apenas B ou representa um gênero. Porém, a constatação/profecia do último pré-construído deixa de se aplicar a uma entidade empírica pontual e veicula o imaginário sobre os homens serem incompetentes para determinadas tarefas domésticas: aqui, a do preparo das refeições, lugar reservado às mulheres. B não devia estar onde estava e fazer o que fazia, pois invadiu um espaço estranho, para o qual não foi naturalmente predisposto.

Aproximando R1 e os conceitos teóricos mobilizados, a anamnese (leitura/análise) da articulação (encadeamento/junção/conexão) entre os pré-construídos demonstra que eles são

guiados por um discurso-transverso (para Pêcheux (1995, p. 165), “uma sequência Sy que atravessa perpendicularmente a sequência Sx”) ou por um pressuposto imperativo que considera o homem não-apto para determinados trabalhos.

Espero que a análise de R1 elucide os conceitos mobilizados e a aproximação entre eles e que tenha indiciado o percurso de análise em relação ao fato de que, apesar de as mulheres terem (com justiça) várias reivindicações, há momentos em que recusam o auxílio, porque não têm a paciência necessária para que a aprendizagem ocorra, porque as coisas não acontecem como gostariam, porque se sentem ameaçadas pela perda de controle do espaço ou porque se sentem ameaçadas nos que lhes confere uma identidade (ou por todas estas razões). Pretendo defender que certos eventos discursivos revelam um movimento conflitivo entre a reivindicação e a possibilidade de atendimento, pelo incômodo que representa.

SOBRE O CORPUS E O OBJETIVO

Para Pêcheux (1995, p. 161), o analista do discurso investiga *processos discursivos*, (“o sistema de relações de substituição, paráfrases, sinonímias, etc., que funcionam entre elementos linguísticos - ‘significantes’ - em uma formação discursiva dada”) e o sentido é um *efeito de sentido* que se detecta em seu *caráter material*, o que significa que é determinado em relação à formação discursiva em que se insere. Como disse, problematizo 10 (dez) recortes discursivos, constituídos por interações entre homens e mulheres sobre atividades domésticas, nas quais, apesar das evoluções/revoluções/involuções, pesa uma certa resistência a mudanças, em que pese serem pauta das demandas das mulheres.

Ratifico o objetivo deste trabalho, ou seja: nos recortes do corpus, cuja temática incide sobre a vida doméstica, quando ele se dispõe a participar, em vez de ser incentivado, é alijado, com a justificativa de que não possui as condições para executar os trabalhos de casa. Neste bailado, por um lado, há a reivindicação de partilha, que, não atendida, resulta em demandas, às vezes, bastante contundentes. Por outro, quando a partilha poderia ser atendida, ele é afastado e a rejeição aponta para o inconsciente coletivo que institui o modo de ser de cada um, o qual, se não é atendido, indicia ou a suposta incompetência ou a ameaça de quebra da identidade, com a conseqüente fragmentação dos espelhos e a falta de ajuste ao mundo.

O MOVIMENTO ANALÍTICO

R2 foi produzido pela criança, quando o pai se propunha a lhe dar banho e foi rejeitado, em face do sofrimento infligido por meio da atividade de realizar a higiene:

R2) – Mamãe, você pode me dar banho? O papai me esfrega muito forte e dói.
– Está vendo? Não tem jeito!

R2 é constituído pela articulação de, pelo menos, cinco pré-construídos: *dar banho*, *esfregar algo (me)*, *algo doer (o corpo)*, *estar vendo (aperceber-se)* e *algo não ter jeito*, com as marcas de enunciação, modalizações e determinações que estabelecem o encadeamento de forma a atender a exigência de produção de um efeito de sentido: trocar a pessoa que dará banho no filho. O primeiro pré-construído é acompanhado pelo apelo à mulher (*mamãe* e *você*), a quem deveria ser destinada a atividade, do auxiliar *pode*, que prevê a disponibilidade para a tarefa, e do remissivo que indica a quem o banho se destina (*me*: a criança). Caso a SD findasse neste ponto, haveria apenas um questionamento em face de uma necessidade. Porém, o segundo pré-construído especifica a razão da substituição: o pai esfrega *muito forte* o corpo (*me*). Isto elucida o motivo da inserção do terceiro pré-construído, que corresponde à conseqüência do vigor que provoca dor e sofrimento. Infere-se, da articulação, que o homem

está pautado na força bruta e não tem delicadeza para lidar com algo frágil como a criança.

Com o enunciado da mulher, ocorre a inserção do quarto pré-construído, que mostra que a criança já foi banhada pelo pai, que já reclamou da imperícia e que a adequação não aconteceu. Por meio de *está vendo?*, infere-se que a mulher teria alertado o homem e agora pode ratificar o seu ponto de vista. Com o quinto pré-construído, valendo-se de uma fórmula que produz um efeito de constatação fatalista, a mãe se rende à evidência de que o homem não tem competência para cuidar do filho, em que pese o evento pontual se referir à higiene.

A linearização dos pré-construídos inicia com o pedido da criança, migra para a causa da solicitação e termina com a “constatação” da incompetência masculina. O encadeamento feito pela criança e continuado/partilhado pela *mamãe* se pauta no discurso-transverso de que *o cuidado dos filhos cabe à mulher* e que o homem não pode ocupar um determinado espaço da vida doméstica. A situação é agravada pela criança, que ampara o discurso da mulher sobre a não-partilha, em que pese ter sido aceita, pois não era primeira vez que o homem se envolvia com a higiene. Ela reassume o “seu” lugar, quando poderia, por exemplo, pedir à criança e ao pai que conversassem e um desse indicações ao outro sobre a (in)adequação da atividade.

Contrariamente à aceitação da partilha para a qual o homem se prontificou e que atende a uma demanda feminina, embora a mulher tenha aceito, ele acaba sendo rechaçado por meio da defesa fatalista de que *não tem jeito*. Ao invés de buscar a “pedagogização” das necessidades internas à vida familiar, ocorre o retorno à normalização dada pelo discurso-transverso e pelo pressuposto imperativo de que o cuidado da criança cabe à mulher.

R3, diferentemente de R1 e R2, que tratam de alimentação e de higiene corporal, refere-se aos cuidados ainda da higiene, mas, desta vez, no ambiente doméstico.

- 3) – Amor, acabei de limpar a lavanderia.
– Eu vi; você chama aquele lambuzo de limpar?

R3 está construído em torno de dois pré-construídos: A afirma que *limpou a lavanderia* e B entende que a tarefa foi *aquele lambuzo*. Ambos se encontram em relação polêmica e o que A considera um bom trabalho (*limpar*) B qualifica de modo negativo. De um lado, está o homem que executou a atividade e, de outro, a mulher que trata o feito pejorativamente. Com as marcas de enunciação, as determinações e os elementos modais e entonacionais ao encargo de cada um dos locutores, A se dirige a B (*amor*), afirma que o serviço está pronto (*acabei*) e está feliz com o resultado, já que, do seu ponto de vista, o que fez foi “limpar” a lavanderia. Por seu turno, B, na SD que produz, permite inferir que acompanhou o trabalho, o que revela desconfiança, avaliou-a quanto à realização, o que reforça o descrédito, e, para ela, *limpar* equivale a *lambuzar*, rompendo com qualquer expectativa meritória de A. Contra um pré-construído positivo, outro conduz para um diapasão depreciativo, pois o trabalho teria sido um lambuzo. Ao passo que o primeiro pré-construído é introduzido por meio de um vocativo afetivo e de um elemento aspectual de conclusão de uma atividade bem executada, o segundo é articulado para garantir a depreciação do serviço. Entrelaçando os turnos de A e B, há um discurso-transverso que parte do primado de que o cuidado da casa cabe à mulher.

Embora o homem tenha realizado o trabalho e se mostrado satisfeito com o resultado e conquanto a mulher tenha se aberto à oportunidade de ele se envolver com a tarefa, no fim, o *lambuzo* impõe o retrocesso ao discurso-transverso de que o homem não serve para o trabalho doméstico. No limite, o que seria o início da superação da cisão que divide os lugares sociais sucumbe à “imperfeição” e o retorno aos ditames da tradição se torna mais renitente, porque já se viveu a experiência e se percebeu que não foi satisfatória.

Contra a possibilidade de validar o trabalho e permitir que volte a ser realizado, para ser

aprimorado, A e B voltam aos lugares pré-estabelecidos, as oportunidades de aprendizado são rechaçadas e a reivindicação da divisão das tarefas fica mais distante a cada novo episódio. A insatisfação de A, a descrença de B e a falta de vontade de ambos de repetir a tentativa, porque é um “desperdício” de tempo, criam um fosso que, quanto mais perdura, mais impossibilita a superação: alguma condescendência poderia criar saídas interessantes.

R4 é constituído por uma interação de três turnos, cada um pautado em pré-construídos que são encadeados à luz do discurso-transverso que os governa e pelo uso de modalizações, marcas enunciativas, entonações, asseverações e determinações.

- R4 – Como você deixou ela se vestir daquele modo? Está frio!!!
- Foi ela que preferiu assim.
- Ela é uma criança e você um adulto.

A interação começa com A (a mãe) questionando B (você) sobre ter deixado a filha (*ela*) *se vestir de um modo*, já que o dia *estava frio* e a vestimenta não ser apropriada. Usando os pré-construídos *vestir-se de uma forma* e *estar frio* e se ancorando no discurso-transverso de que, *em dia frio, há uma forma de se trajar*, A acusa B de não agir adequadamente. B, pautando-se no pré-construído da *preferência da filha*, justifica a atitude amparado pelo discurso-transverso de que *a criança sabe do que precisa*, mas a justificativa é rechaçada, por meio da articulação de dois pré-construídos: *a filha é criança* e *o pai é adulto*. Com o primeiro, A refuta a “desculpa” de B, usando como sustentação o pressuposto de que *criança é incapaz*. Com o segundo, sustenta a crítica, valendo-se do princípio de que *a responsabilidade sobre a criança cabe ao adulto*, que deveria atender ao previsto, o que não acontece, no limite, por ser homem e não ser competente para cuidar da filha. Embora, no intradiscurso, não haja marca relativa ao gênero do pai, postulo que, no limite, a “inadequação” seria atribuída à sua falta de “vocação” para definir a roupa da criança. Coloco o termo ‘inadequação’ entre aspas, porque, para Freud (2016, p. 105), as “observações vêm demonstrar que as crianças foram subestimadas, e que já não sabemos mais o que é possível esperar delas”.

A interação é articulada por A e B por meio da relação de pré-construídos mobilizados pelas próprias SDs ou pelas SDs do outro e que são úteis para o embate entre visadas valorativas que se amparam em discursos-transversos diferentes. A se ancora na premissa de que há uma forma “correta” de se vestir quando está frio e que B deveria tê-la atendido, não permitindo que fosse definida por uma criança; B crê que o fez, pautando-se na defesa que a criança sabe aferir a adequação da vestimenta. Se, de um lado, há uma convivência entre A e B sobre se trajar de um modo quando está frio, eles discordam sobre o primado ser definido pela criança. A entende que não, pois B “deixou” e, como adulto, não deveria aceitar; B defende que sim, pois atendeu à preferência da filha. Para encerrar a celeuma, A ratifica o fato de a filha ser uma criança, atendendo ao discurso-transverso de que ela não teria competência para definir as vestes, e recrimina o marido, lembrando-lhe que é adulto e deve definir a roupa em face do clima. Ao acusar B de ser adulto e não ter assumido o seu papel, A permite inferir que pai e filha estão em pé de igualdade: ambos são imaturos.

De forma sumária: A recorre a pressupostos imperativos que se abatem sobre B e servem para estabelecer a sua falha como pai e como homem. Se, de um lado, B busca salvaguardar a si e à filha, defendendo a maturidade dela para escolher, a mãe, pautada na idade de ambos e na ascendência do pai, liquida a questão. Para A, B falha, ao não ter atitude de adulto e se deixar levar pela criança, desqualificada para definir a roupa de combate ao frio que atinge o seu corpo: tríplice equívoco de B com a filha: é pai, é adulto e é homem; tudo deveria concorrer para que agisse de forma adequada, mas falha. Segundo Saraceno e Maldini (2003, p. 19), “Precisamente por ter a ver com relações e factos relacionados com as

dimensões mais profundas e ao mesmo tempo mais aparentemente ‘universais’, da vivência humana, a família constitui o material privilegiado de que se constroem os arquétipos sociais, os mitos”.

Conforme se avança nos recortes selecionados para este estudo, percebe-se que o espaço do homem no ambiente doméstico vai ficando mais rarefeito, pois já não é só da cozinha que é rechaçado, mas da higiene, da limpeza e do vestuário. O atendimento à reivindicação feminina de partilha nas atividades domésticas, parece, acaba sendo impedido por ela mesma, quando há momentos em que algum vislumbre de solução se apresenta.

R5 reproduz a interação entre o homem e a mulher, quando discutem a vontade dele passar mais tempo com a filha, já que a distribuição da guarda compartilhada apontaria um desequilíbrio em relação ao tempo de cada um.

- R5 – Não concordo que ela passe mais dias contigo do que comigo!
- Eu sou a mãe!
- Eu sou o pai!
- Pai é homem e não sabe cuidar de criança.

Com base no pré-construído de que *a distribuição de tempo da guarda da filha está feita de modo desigual*, A defende um modo mais equitativo da partilha. B não aceita, afirmando que, por *ser a mãe*, a previsão é justa. Contraopondo-se a B, A afirma que *é o pai* e teria igualdade de direitos. Se R5 terminasse a esta altura, B não poderia recusar o pedido, pois ambos poderiam se responsabilizar pelo tempo com a filha. No entanto, valendo-se do encadeamento de dois pré-construídos (*pai é homem* e *homem não sabe cuidar de criança*), o primeiro dando suporte para o segundo, a mirada ideológica mobilizada liquida a celeuma. O discurso-transverso que orienta A se ancora na igualdade dos pais para o cuidado dos filhos e aquele de B sustenta que as mulheres é que sabem do que uma criança precisa. A polêmica instaurada por A se rende à “evidência” que fixa as cisões no que se refere, neste caso, ao acompanhamento dos filhos. Como afirmam Saraceno e Maldini (2003, p. 21), “é a nível de família que o facto de pertencer a um determinado sexo se torna um destino social, implícita ou explicitamente regulamentado e que se situa numa hierarquia de valores, poder e responsabilidade”.

Enquanto A sustenta a defesa de ter mais tempo com a filha por ser pai, pautando-se no pressuposto de que homens e mulheres têm as mesmas condições para o cuidado das crianças, B se ampara no “acordo” de que as mulheres estão mais aptas para ampará-las. O embate se pauta sobre o primado de discursos-transversos opostos: não há como um “diálogo” conduzido sob esta forma de apreensão ser levado a uma solução que contemple o gosto de ambos. São valores distintos, miradas diferentes e horizontes de apreciação situados à margem esquerda e direita do rio, com o fosso que os separa tornando impossível a travessia.

É possível afirmar que os princípios movidos para o encadeamento dos pré-construídos revelam dois primados em confronto e um deles reivindica o atendimento do que é a demanda do outro: o que A deseja é ter mais tempo com a filha e, mesmo que não queira, vai ao encontro da reivindicação de B, que deseja que as suas atividades sejam divididas. Porém, B se recusa a atender ao solicitado e o que rejeita é o que gostaria que fosse aceito. Em que pese se tratar da guarda da filha e haver um evento traumático envolvido, B se dispõe à divisão das atividades, o que é recusado, quando, parece, deveria ser acatado: a mulher diz que quer, mas, em face da partilha, recusa, o que tem relação com os ditames imemoriais da instituição imaginária dos lugares sociais. Recorro a Bourdieu (1999, p. 45), para quem “os atos de conhecimento são, exatamente por isso, atos de reconhecimento prático, de adesão dóxica, crença que não tem que se pensar e se afirmar como tal e que ‘faz’, de certo modo, a violência simbólica que ela

sofre”.

Em R6, a atividade em pauta não só é interdita pela mulher, como também parte do pressuposto de que já foi realizada antes pelo homem e o resultado foi digno de censura.

R6 – Melhor você deixar que eu passo a roupa. Quando você se mete nisso, a roupa parece mastigada por uma vaca.

Tomando como base de encadeamento o pré-construído *passar a roupa*, em torno do qual circulam marcas de enunciação, índices avaliativos, juízos de valor e efeitos demeritórios, a mulher assume a responsabilidade de cuidar da roupa e afasta o homem da tarefa. Pautando-se no discurso-transverso de que *a roupa deve ser passada de um modo*, a mulher recusa que o homem (*você*) realize a tarefa, afirmando que é *melhor* que ele deixe que ela (*eu*) cuide disso, pois, se ele o fizer, o resultado será *pior*. De um lado do pêndulo, há alguém com competência para desenvolver o trabalho; do outro, alguém que não possui a habilidade necessária. E, em face do mau resultado profetizado, a chance de divisão das tarefas domésticas fica mais distante, mesmo que se admita que o resultado seja ruim, dados os poucos momentos de aprendizagem. Por meio dos contrastes entre *você* e *eu* e *melhor* e *pior*, a primeira parte revela cisões que se aprofundam, quando pareciam acenar para a superação.

A atividade de clivagem mais contundente, porém, ocorre na segunda parte de R6, pois o resultado da atividade (*nisso*), *quando* (substituível por *sempre que*) realizada pelo homem (*você*), é posto sob um prisma pejorativo, já que a roupa não só fica *mal passada*, mas *parece mastigada por uma vaca*. Parece improvável que alguém chegasse a um resultado tão negativo, embora a qualidade do trabalho possa não ser idêntico ao de quem já o realizou muitas vezes.

A aprendizagem e o treinamento parecem ser a via para que uma qualidade de realização seja alcançada: a pressa e o desejo de que tudo saia conforme o acordo agravam a cisão entre os “deveres”, obliterando o tempo que quem possui maior competência levou para alcançá-la e criando um efeito de naturalização da (in)capacidade para certas tarefas, como se fosse definida por talento natural, tornando-se, por fim, o parâmetro da censura de quem sabe em relação a quem não sabe. Pode-se ouvir mais uma vez as palavras de Bourdieu (1998, p. 132-133):

A censura alcança seu mais alto grau de perfeição e invisibilidade quando cada agente não tem mais nada a dizer além daquilo que está objetivamente autorizado a dizer: sequer precisa ser, neste caso, seu próprio censor, pois já se encontra de uma vez por todas censurado, através das formas de percepção e de expressão por ele interiorizadas, e que impõem sua forma a todas as expressões.

Em R7, o comportamento se refere ao homem ter uma atitude inesperada por parte da mulher, já que homens não se dariam a este tipo de “frivolidades”.

7) – Você me deu flores? Não acredito! Homem não é dado a essas feminices!

Com um enunciado interrogativo, sobredeterminado por uma entonação de surpresa, a mulher (A) se dirige ao marido (B), gerando o efeito de que a atividade realizada é causadora de estranhamento. Valendo-se do pré-construído *dar flores*, cuja sintagmatização não poderia ocorrer em face de B (*você*) ser quem é, A é guiada pelo discurso-transverso que dita que homens, em geral, *não são feitos a atos delicados*, sendo avessos a “romantismo”. A sequência perpendicular que orienta A e a faz linearizar os pré-construídos “irreconciliáveis” prepara o terreno para os dois enunciados seguintes. No primeiro, A ratifica a quebra de expectativa, afirmando que *não acredita* que B tenha lhe dado flores; não que não acredite que

as tenha recebido: o que a coloca em conflito é B ter feito algo “inesperado”. Pautada em enunciados que articulam pré-construídos “estranhos” entre si e revelam a surpresa, A fecha R7, ao sabor do senso comum que a circunda: homens não são dados a atitudes tidas como femininas, dentre as quais se encontra dar flores como presente ou como gesto de carinho e atenção.

Chama a atenção o termo ‘homens’, que generaliza e encapsula a todos eles num sentido cristalizado, naturalizando a historicidade que produziu, no tempo e no espaço, a separação entre *ser homem* e *ser mulher*. Além disso, por meio de *feminices*, A coloca, de um lado, o que cabe às mulheres e, de outro, o que cabe aos homens, produzindo dois efeitos de sentido inesperados. O primeiro é o de que o homem rompeu as barreiras que atendem ao acordo e ocupou um lugar que não lhe pertence, podendo ser questionado sobre a sua masculinidade heteronormativa. O segundo, mais provocador, é que o termo coloca em dúvida a importância do gesto “feminino” de dar flores, pois ele surge em tom demeritório e depreciativo.

Voltando ao ponto: embora o recorte não discursivize uma tarefa doméstica, a inserção do homem numa atividade “naturalmente” feminina é rechaçada e tem pouca possibilidade de retornar, mesmo que uma ocasião em que este comportamento seja recomendável se apresente. Então, a reprimenda virá ao inverso, pela ausência de flores, e haverá nova ocasião para o aprofundamento das clivagens e cisões.

Serei breve em relação aos recortes 8 e 9, dado que o objetivo do trabalho já deve ter ficado claro: em algumas situações, as mulheres, mesmo que reivindicuem a divisão das tarefas domésticas, rechaçam a possibilidade de o pedido ser atendido, alegando que o homem não tem competência para realizá-las, pautando-se no senso comum e em estereótipos.

Em R8, constituído por dois turnos de fala, o homem (A) afirma desejar que quer mudar a cor da casa, recebendo como resposta da mulher (B) que homem não tem bom gosto.

- 8) – Eu gostaria de mudar a cor da pintura da casa!
– Não, senhor: homem não tem bom gosto para estas coisas!

A organiza seu turno de fala em torno do pré-construído *mudar e pintura da casa*, que lineariza, valendo-se do dêitico *eu* e do modalizador *gostaria*: o primeiro o responsabiliza pela mudança; o segundo a apresenta como hipotética e dependente da existência de uma condição: que a mulher a aceite, o que revela que o terreno do diálogo é precário. Apesar de a vontade ser de A, B definirá se ela pode ou não ser atendida.

A resposta de B é firme e categórica. Por meio de uma negação polêmica (*não*), que rejeita o desejo, e de um vocativo que rompe a informalidade de tratamento do casal (*senhor*), a vontade de A é rechaçada e tornada inaceitável. Porém, além da negação e do vocativo formal (que liquidam a discussão), à guisa de lambuja, B fecha o turno, dizendo por que não é possível que A faça o que deseja: *homem não tem bom gosto*.

É possível afirmar que os dois turnos de fala se articulam em torno de *mudar a pintura da casa*, sendo, no caso de A, linearizado explicitamente e, no caso de B, retomado por meio da negação. Em torno do pré-construído, pivô do embate, há um discurso-transverso que explica o enunciado de A e a negação de B: *homem não tem bom gosto*. Embora o atravessamento pela sequência perpendicular, geralmente, circule em silêncio, no turno de B, ela aparece de forma explícita e como arremate para a negação proferida.

Mais uma razão para a clivagem entre homens e mulheres: elas teriam bom gosto para escolher as cores da pintura da casa, eles não, devendo se submeter às escolhas delas. Com isso, aprofunda-se mais o fosso que os separa e se torna mais cristalizado o espaço de

propriedade de cada um, no qual o outro não pode se imiscuir sob pena de ser recriminado (quando é só isso que acontece). Neste sentido, vale a pena ouvir mais uma vez Bourdieu (1998, p. 95):

A eficácia simbólica das palavras se exerce apenas na medida em que a pessoa-alvo reconhece quem a exerce como podendo exercê-la de direito, ou então, o que dá no mesmo, quando se esquece de si mesma ou se ignora, sujeitando-se a tal eficácia, como se estivesse contribuindo para fundá-la por conta do reconhecimento que lhe concede.

Em R9, a partilha das tarefas domésticas, que é uma das demandas das mulheres, parece apresentar a possibilidade de que o pedido se torne vida concreta.

- 9) – Pode deixar que eu arrumo a mesa.
– Eu arrumo; hoje temos visitas e as coisas devem estar bem arrumadas.

Na iminência de receber vistas, o marido (A) se dispõe a partilhar as tarefas, linearizando o pré-construído *arrumar a mesa* e deixando a esposa (B) à vontade para outras tarefas. Por meio do dêitico de autorreferência (*eu*) e do elemento modalizador auxiliar *pode*, é possível perceber a disponibilidade para a divisão de tarefas. Em contrapartida, B, por meio do índice remissivo *eu* e da atração da tarefa para si (*arrumo*), rejeita o auxílio, encadeando o fato de *ter visitas* e o pressuposto de que, já que, nesse momento (*hoje*), *haverá visitas* e *as coisas precisam estar bem arrumadas*, A não seria capaz de realizar tudo a contento. Caso A se incumbisse da tarefa, ele não teria as condições necessárias para a mesa estar à altura do acontecimento.

Alinhavando os pré-construídos e o pressuposto negativo, detecta-se a existência de um discurso-transverso, ou de um pressuposto imperativo, ou de uma sequência perpendicular, que, para todos os efeitos, dirige a mulher no sentido de desqualificar, a priori, a atividade que A viria a desenvolver, caso assumisse a sua realização.

De novo, é possível detectar a inibição da partilha das atividades por parte da mulher, que se ampara no princípio de que o homem não pode se envolver nas atividades domésticas. Pior, sobretudo, para elas que, quando há a oportunidade, preferem rechaçar a iniciativa a abrir as portas para novos caminhos. Como postulam Saraceno e Maldini (2003, p. 18), “é dentro das relações familiares, tal como são definidas e regulamentadas, que os próprios acontecimentos da vida individual que mais parecem pertencer à natureza recebem o seu significado e através deste são entregues à experiência individual”.

R10 também é constituído por uma interação entre a mulher e o marido e se compõe de três turnos de fala, começando pela recriminação feita por ela, pelo estranhamento dele e pela generalização com que ela encerra a discussão.

- R10 – Eu viajei e deixei instruções precisas! Você não fez nada que eu pedi!
– Qual o problema? Algo errado?
– Só tudo. Homem é assim mesmo.

A primeira SD de A é articulada pela junção de três pré-construídos: *a viagem dela*, *a existência de instruções precisas* e *o não-atendimento das mesmas*. Chama a atenção A afirmar que deixou instruções precisas, como se B precisasse delas. O gerenciamento doméstico é, pois, concebido como um manual de instruções, cujo conhecimento pertence à mulher. Em que pese a antecipação de A para que tudo ocorresse a contento, B não atendeu ao previsto. Encadeados entre si, estes pré-construídos são atravessados pelo discurso-transverso que concebe o homem como incapaz de gerenciar a “casa”, já que, mesmo com *instruções*

precisas, B errou tudo. O turno de fala de B, articulado sobre pré-construídos interrogativos (*existência de um problema e produção de um erro*), poderia ser visto como confirmação da hipótese de A, pois não percebe os equívocos cometidos. O discurso-transverso que afeta a SD de B mostra que ele se aventurou nos cuidados necessários, por acreditar na sua competência para fazê-lo. A segunda SD de A, pautada no pré-construído de que *tudo estava errado*, invalida o feito de B e explicita de vez o discurso-transverso em que se ampara: *homem não serve para a vida doméstica*.

Importa reter a busca de B se envolver na vida doméstica, por meio do não-atendimento às “instruções” deixadas por B e ser recriminado. Apesar de o homem se aventurar numa seara que se pauta no discurso-transverso oposto ao dado pela ideologia e, até certo ponto, atender à partilha, a tentativa falha, pois as coisas não poderiam ser como se fossem feitas por ela, submetida a uma experiência infinitamente maior. Como afirma Bourdieu (1998, p. 98 - grifo do autor), “o principal efeito do rito é o que passa quase sempre completamente despercebido: ao tratar diferentemente os homens e as mulheres, o rito *consagra* a diferença, ele a institui, instituindo ao mesmo tempo o homem enquanto homem (...) e a mulher enquanto mulher”.

R10 foi deixado para o final, em virtude da abrangência “universal” no que se refere ao objetivo deste trabalho: ele arrebanha as atividades domésticas por meio de *tudo* e generaliza a “incapacidade” do homem por meio de *homem é assim mesmo*. Este recorte parece o emblema condensador de uma cisão que, sendo repetida, aprofunda a dificuldade de superar as clivagens e de que haja outras tentativas para que os distanciamentos sejam amenizados.

UM EFEITO DE FECHAMENTO

Alerto para a imprecisão que rondou a tentativa de determinação dos pré-construídos, uma vez que, em Pêcheux, o conceito aponta para alguma coisa de sentido mais restrito do que é tematizado nos estudos que circulam na academia. Às vezes, ao se referirem a pré-construído, os estudiosos parecem estar remetendo ao discurso-transverso. Creio que essa distinção deveria ser tema de algum trabalho acadêmico mais específico.

Além disso, em que pese as mulheres terem reivindicações sobre a presença do homem frente às demandas da vida cotidiana, os recortes do corpus revelam uma certa incongruência, quando o pedido poderia ser atendido (e não quero lançar mais uma “culpa” sobre elas). Seja porque a invasão do espaço “privilegiado” ameaça quebrar espelhos identitários, porque há uma determinada impaciência para o aguardo de melhores resultados ou porque são movidas pela ânsia narcísica de que o mundo seja do jeito que querem, os dados revelam que as mulheres, de uma forma reiterativa até, recusam a ajuda, quando ela poderia acontecer e trazer algum alento. Este é outro estudo que permanece à espera de uma discussão mais consistente.

Por fim, parece bastante adequado fechar este trabalho com o ensinamento de Bourdieu (1999, p. 100 - grifos do autor) sobre a forma de buscar a superação das divisões que ainda imperam (ou nunca deixaram de existir) entre o homem e a mulher e que, no limite, continuam pautadas num prisma de avaliação androcêntrico, para o qual as próprias mulheres não deixam de trazer águas que movimentam as pás dos moinhos:

O eterno, na história, não pode ser senão produto de um trabalho histórico de eternização. O que significa que, para escapar totalmente do essencialismo, o importante não é negar as constantes e as invariáveis, que fazem parte da realidade histórica: é preciso *reconstruir a história do trabalho histórico de des-historicização*, ou (...) a história da (re)criação continuada das estruturas objetivas e subjetivas.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. (Trad. Maria Helena Kühner). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- _____. **A economia das trocas linguísticas**: o que falar quer dizer. (Trad. Sergio Miceli et. al.). 2.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.
- FREUD, Sigmund. **O homem dos lobos**: história de uma neurose infantil. (Trad. Paula César de Souza). 1.ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2016.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. (Trad. Eni Pucinelli Orlandi et. Al). 2.ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1995.
- SARACENO, Chiara e NALDINI, Manuela. *Sociologia da família*. (Trad. Isabel Teresa Santos). 2.ed. Lisboa: Editorial Estampa, 2003.

Enviado em 22-03-19
Aceito em 27-05-19